

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

GISELE MONTAGNOLI DA FONSECA

**AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E FAMILIARES SOBRE
A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

MARINGÁ

2012

GISELE MONTAGNOLI DA FONSECA

**AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E FAMILIARES SOBRE
A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC, apresentado ao Curso de
Pedagogia, como requisito parcial para
cumprimento das atividades exigidas na
disciplina do TCC.

Coordenação: Profa. Ms. Aline Frollini
Lunardelli Lara.

Orientação: Profa. Dra. Luciana Maria
Caetano.

MARINGÁ

2012

Gisele Montagnoli da Fonseca

**AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E FAMILIARES SOBRE
A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Luciana Maria Caetano

Prof^a. Ms. Celma Regina B. Rodriguero

Prof^a. Dr^a. Solange Franci Raimundo Yaegashi

Data da Aprovação

Maringá, 20 de novembro de 2012

Ao meu esposo, pela paciência,
motivação e carinho que foram essenciais
para a conclusão do curso

À minha família, minha mãe, meus irmãos,
cunhados, sobrinhos que sempre me deram
carinho e incentivo para nunca desistir.

Aos meus amigos, que assim como eu
se esforçaram para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que permitiu e me ajudou a chegar até aqui. Que me deu forças para continuar quando a vontade era de desistir. Que colocou em meu caminho pessoas maravilhosas, que me apoiaram e contribuíram para que eu a cada dia colocasse em prática os meus objetivos.

À minha família, que sempre esteve comigo. Que me ajudou quando eu precisei. Ao meu esposo Marcos, que sempre me acompanhou, me ajudou nas mais diferentes ações. À minha mãe, que à sua maneira sempre estava ali, pronta a me ajudar. Aos meus irmãos Gilmar, Gislaine e Antonio, com sua esposa Nayara pela paciência e compreensão pela ausência, enquanto corria para dar conta das tarefas acadêmicas. Aos meus amores, meus sobrinhos Maria Eduarda e Tony Gabriel, que a cada dia fazem aumentar minha vontade por ampliar meus conhecimentos e poder auxiliá-los nesse complexo processo de aprendizagem dos conteúdos da vida. À minha sogra e cunhados, que também me apoiaram.

Aos professores que contribuíram para minha formação, em sala de aula, ou nos projetos pelos quais passei durante esta jornada, o Propae, o Pibid, o Proeja, o Pedagogia Hospitalar, o Projeto de Alternativas Especiais para Pessoas com Necessidades Especiais, o PCA, que embora não faça parte do curso de Pedagogia me possibilitou um novo horizonte para compreender crianças e adolescentes que brincam nas ruas. Enfim, foram tantas experiências que até fica difícil nomear todas, mas fica aqui o meu muito obrigado aos professores que me oportunizaram pôr em prática os conteúdos teóricos trabalhados em sala de aula e que mais do que isso, contribuíram para que percebesse o quanto é especial ser pedagoga. À professora Sheila, com a qual fiz parte de algumas comissões para a Semana de Pedagogia, que possibilitou perceber que aquilo que aprendemos na academia precisa ser praticado na vida, à professora Maria Angélica que nos mostrou que as especificidades da língua escrita, tão naturais aos nossos olhos precisam ser ensinadas às nossas crianças, e que a beleza deve fazer parte de tudo, já que tudo que encanta deve ser maravilhado. À professora Tânia, que sempre mostrou que todos somos diferentes e todas as

peessoas são especiais, e em suas ações em sala de aula ou fora dela tornava os momentos também especiais. À professora Lizete Maciel, professora do DTP, que sempre me motivou, que me inspirou a desde o 1º ano buscar novos caminhos. Ao professor Luciano Gonsalves, do departamento de Física, orientador do PIBIC do qual participei, com o qual investigamos como a UEM recebe e forma pessoas com necessidades educativas especiais e à Verônica Regina Muller, da Educação Física, com a qual compartilhei muitas reflexões em seu grupo de estudo e pude perceber que as crianças também têm o direito de decidir e não somente viver sob as nossas decisões.

Aos meus amigos que durante estes 4 anos estiveram comigo, cada qual à sua maneira, em turmas e anos diferentes, mas com assuntos comuns. Aos amigos que já se formaram, mas deixaram seus exemplos, entre eles o Marcio e a Ari, o Denis, o Gil, que além de ser meu irmão me ajudou como amigo quando precisei. Aos que ainda continuarão nesse caminho, dando continuidade ao curso, Antonio, Maytha e Kassinha, boa sorte e muito estudo. Em especial à Vânia e à Clarissa, que compartilharam comigo a correria dos trabalhos, em uma carga horária reduzida, a ponto de deixar todos loucos. Que se tornaram mais do que amigas e continuarão fazendo parte da minha vida embora não estejamos mais todas as noites juntas.

Às crianças com as quais estive no decorrer desta jornada, seja nos estágios obrigatórios e não obrigatórios, nos projetos, nos serviços voluntários dos quais participei. A todas elas que me renovaram a cada momento, que me fizeram ver, por mais que nos consideremos aptos, ainda podemos melhorar.

E finalmente agradeço à minha orientadora, amiga, exemplo e ídola, a professora doutora Luciana Maria Caetano. Uma mulher especial e persistente, que desde seu início nessa instituição atraiu nossos olhares e nossa atenção, que nos permitiu entender o processo da vida sob uma nova dimensão: a afetiva. E foi à luz dessa dimensão, que eu me propus a investigar como a afetividade se relaciona com a vida escolar, e hoje posso dizer que o afeto faz parte de nossas estruturas cognitivas. Obrigada Luciana pela dedicação e pelo apoio, pelos

momentos de alegria e pelas tristezas compartilhadas, por dividir conosco a alegria de ser mãe, e mesmo nesse momento delicado continuar com suas atividades e contribuindo para nossa formação. Palavras não são capazes de manifestar e expressar o quanto me sinto grata a ti.

Aos participantes da pesquisa, que se dispuseram a contribuir para que nossas indagações saíssem do papel e pudessem ser analisadas e comprovadas.

À banca examinadora, composta pelas professoras Solange Franci Yaegashi e Celma Regina Rodriguero pela dedicação ao analisar o presente trabalho e pelo empenho com o qual participam da formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia e desta forma conquistam a cada dia a admiração de todos.

Enfim, agradeço à todos aqueles e aquelas que não citei, mas que estiveram comigo nessa caminhada e que de alguma forma participaram desta minha formação acadêmica e realização pessoal. Que Deus abençoe a todos.

O meu muito obrigada!!!

*Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
naqueles cujos olhos aprenderam a
ver o mundo pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre jamais.*
Rubem Alves

FONSECA, Gisele Montagnoli da. **As concepções de professores e familiares sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Maringá. 2012.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo principal investigar qual o conceito de afetividade para professores e pais, e como o afeto pode ou não contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. A investigação compreendeu a pesquisa bibliográfica e de campo, que contou com 8 participantes (4 mães e 4 professoras), na qual utilizamos um questionário aberto e os resultados mostraram que professores e pais não compreendem o conceito de afeto enquanto a energética do processo de aprendizagem. Chegou-se a conclusão de que os professores e os familiares não possuem a devida compreensão sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras chave: Afeto; Escola; Família.

ABSTRACT

This course conclusion work aimed to investigate the concept of affection for teachers and parents, and how affections may or may not contribute to the process of teaching and learning. The research comprised a literature review and field attended by 8 participants (4 mothers and 4 teachers), in which we use an open questionnaire and the results showed that teachers and parents do not understand the concept of affection while the energy of the learning process. It reached the conclusion that the teachers and the family does not have a proper understanding about the contribution of affectivity in the process of teaching and learning.

Keywords: Affection; School; Family.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM	12
3.	RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E A CONTRIBUIÇÃO DAS DUAS INSTITUIÇÕES PARA A CRIANÇA	23
4.	CONCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO AFETO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	29
4.1.	MÉTODO	29
4.2.	OS PARTICIPANTES	29
4.3.	SITUAÇÃO EXPERIMENTAL	30
A.	Local	30
B.	Instrumentos de pesquisa	30
4.4.	PROCEDIMENTOS	31
A.	Para a coleta de dados	31
B.	Para a Análise de Dados	31
4.5.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS	43
	ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PROFESSORES	47

1. INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem requer compreensão em suas diferentes dimensões, compreensão essa fundamental para o sucesso de qualquer estudante. Todo professor precisa ter ciência da sua importância enquanto mediador do processo de construção do conhecimento, deve acompanhar seus alunos e conhecê-los, de modo a possibilitar uma relação amigável com os mesmos. Por outro lado, a contribuição da família também se torna fundamental para o sucesso dos estudantes. Portanto, a mesma deve fazer parte do processo de aprendizagem, estimulando e participando com os filhos do processo escolar.

Propomo-nos neste trabalho investigar qual o conceito de afetividade para professores e pais, e como o afeto pode ou não contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto realizamos uma pesquisa bibliográfica, identificando o que estudiosos desta temática pensam sobre as relações entre afetividade-inteligência e escola-família. Em seguida realizamos pesquisa de campo, que contou com 8 participantes, sendo 4 mães e 4 professoras, todas de uma mesma escola municipal e pública da cidade de Maringá. Para esta investigação foi aplicado um questionário aberto que consistiu em identificar qual a importância do envolvimento, da proximidade e da atenção do professor em relação aos alunos, na visão dos participantes.

Entendemos que estudar a temática do afeto é importante porque poucos são os estudos sobre tal área atrelada ao processo de ensino e aprendizagem, e infelizmente, poucos estudos a respeito da temática foram vivenciados durante a nossa formação. Portanto, nos parece extremamente importante, nos aprofundarmos em estudos a respeito desse tema, com o objetivo de melhor compreendermos o aspecto afetivo na relação ensino e aprendizagem.

A nossa hipótese inicial era a de que, quando o professor valoriza seus alunos o processo de aprendizagem tende a ser mais significativo, ou seja, se ampliam os horizontes daquele que aprende. Pensamos que é preciso que o educador favoreça a autocrítica do aluno, a fim de fazer com que o mesmo entenda a importância do conteúdo ao qual tem acesso na escola. Quando o professor não mantém uma relação favorável com seu aluno, os conteúdos

trabalhados em sala de aula provavelmente não farão sentido para o mesmo, o que irá provocar descaso com os estudos e até dificuldades para aprender. Desta forma, quando o aluno não se sente à vontade em sala de aula com seu professor, suas chances de não aprender na escola se ampliam.

Por outro lado ainda pensamos que o professor não pode tratar a todos da mesma forma. Aceitar a singularidade de cada um é planejar aulas pensando nos alunos, é admitir que o conteúdo em questão tem um significado diferente para cada criança.

Reafirmamos a importância da família enquanto instância participativa, que deve acompanhar a vida escolar do educando, com vistas a auxiliar para o sucesso do mesmo. Em seguida apresentamos nosso estudo que foi dividido em quatro seções, iniciando a partir da introdução, na qual apresentamos nossa pesquisa.

A segunda conceituou a afetividade na relação professor e aluno. Na terceira discorremos sobre a relação família e escola e a importância das duas instituições para a criança. A quarta e última seção consiste em analisar as concepções de pais e professores sobre a contribuição do afeto para o processo de ensino e aprendizagem.

2. AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

Este trabalho constitui-se num estudo bibliográfico e de campo, sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem. A relação entre a afetividade e o processo de ensino e aprendizagem foram primeiramente abordados no projeto de Iniciação Científica, intitulado: “O conceito de afeto na relação professor e aluno com dificuldade de aprendizagem”, no qual, nosso objetivo principal foi analisar qual a contribuição do afeto na relação professor-aluno como fator favorecedor do sucesso no trabalho com alunos com dificuldades de aprendizagem.

Para a execução deste trabalho de conclusão de curso daremos continuidade aos estudos realizados no projeto de iniciação científica, concluído em 2012 na UEM, no qual utilizamos pesquisa bibliográfica e de campo. A última foi possível a partir da participação de professores da rede pública e municipal de Maringá.

Os resultados nos levaram a inferir que os professores, apesar de afirmarem ter conhecimento sobre o conceito de dificuldade de aprendizagem e que mantêm relação de proximidade, atenção e envolvimento com os alunos que possuem tais dificuldades, na prática acabam por distanciarem-se dos mesmos.

Sabemos que o termo dificuldades de aprendizagem não possui uma definição única e exata, devidos às causas multifacetadas, mas para a realização desta pesquisa optamos por não nos ater às definições, mas em investigar qual a contribuição da afetividade para o processo de ensino e de aprendizagem.

O sujeito já nasce imerso em um mar de compromissos, os quais deverá cumprir para o regozijo de seus familiares, e o que dizer da escola, que é vista como espaço de formação de valores e preparação do indivíduo para o sucesso? Diante de uma sociedade que espera cada vez mais de cada um, a autora faz a relação do bebê que antes de vir ao mundo já é encarregado de tantas funções, dentre as quais alcançarem o sucesso escolar para um dia ser alguém na vida (KUPFER, 2003).

A questão é que, quando uma criança apresenta problemas de aprendizagem, todo esse conjunto de expectativas depositadas nela, pela escola

e pelos seus familiares tendem a ruir. De acordo com a autora (ibid, p. 46), nem sempre se pode afirmar que os problemas ditos como “problemas de aprendizagem” são realmente de ordem cognitiva, e ilustra essa ideia com um pequeno exemplo: *“A mão: A minha mãe é muito boazinha. Eu gosto muito dela. Ela é às vezes um pouco brava. Ela gosta muito de ler. Ela está sempre com um livro na mão”*.

O fragmento acima é um texto escrito por um menino de sete anos, cursando primeiro ano, cujo título é A mão. Porém, ao desenvolver suas ideias o educando fala sobre a mãe, e então a autora faz alguns questionamentos, como: o que fazer nessa situação?

A professora simplesmente pede que o aluno verifique o título do texto, pois é contrário ao assunto do mesmo. Mas o que houve, já que a criança escreve perfeitamente as duas palavras, mãe e mão no mesmo fragmento? Segundo a autora, a educadora deveria ter ido além do simples gesto de pedir para corrigir, deveria ter questionado o porquê daquele título? Qual a relação do título com o texto? Qual o sentimento que a aquela criança poderia expressar naquele momento enquanto falava da mãe, ou ainda o porquê da relação entre mãe e mão? Observa-se que muitas vezes a escola se limita ao papel de “corrigir o errado”, sem ao menos tentar entender por que ocorreu o erro.

Em alguns casos a relação família e escola se limita a procurar soluções para problemas como o de comportamento, uma vez que, as dificuldades de aprendizagem levam a alterações nos comportamentos das crianças, e, muitas vezes, eles são considerados alunos bagunceiros e as dificuldades que eles enfrentam para aprender são relegadas a segundo plano. Bem sabemos que, a grosso modo, o que querem os alunos rotulados como “baderneiros” é apenas atenção e proximidade. Para Bartolomeu, Sisto e Marin Rueda (2006, p. 140):

As crianças com problemas de aprendizagem apresentaram-se ansiosas e com pobre autoconceito, denotando sentimentos de inadequação e culpa relacionados a impulsos agressivos mal elaborados, com preocupação pelos impulsos sexuais, dificuldades de comunicação e timidez.

Essa necessidade de chamar atenção justifica-se pelo fato das crianças que não alcançaram o sucesso escolar ficarem abandonadas ao seu próprio

ritmo. Porém, não se pode afirmar que apenas o aluno é responsável pelo próprio sucesso, isso porque não existe uma única causa para as dificuldades de aprendizagem. Para Carneiro, Martinelli e Sisto (2003, p. 149):

A história da educação brasileira vem sendo marcada por uma crescente preocupação em se tentar explicar o fracasso escolar, o qual tem sido denunciado pelos altos índices de repetência e evasão, ocorridos nos últimos anos.

De acordo com os autores o alto índice de repetência e evasão escolar são exemplos do fracasso escolar, que tem crescido significativamente. Ainda nas palavras de Carneiro, Martinelli e Sisto (ibid, p. 153):

O fracasso escolar pode ocorrer devido a situações e/ou condições externas ao indivíduo e que indiretamente o afetam e/ou por condições internas ao mesmo. Dentre as situações externas mais arroladas, podemos citar as causas de ordem socioeconômica das famílias dos estudantes, acarretando a necessidade do trabalho infantil, e as causas de ordem sócio-institucional, que vão desde as condições da estrutura física da escola quanto às questões administrativas, salariais, pedagógicas passando também pela formação do professor. Dentre os fatores de ordem interna ao indivíduo, destacam-se os relacionados ao desenvolvimento cognitivo e os de ordem afetivo-emocionais, motivacionais e de relacionamento.

Nos dois fragmentos os autores fazem referência ao fracasso escolar. No primeiro descrevem sobre a busca por novas explicações por meio da história brasileira, a fim de explicar o aumento do fracasso escolar. No segundo, explicam as multifacetadas causas para as dificuldades de aprendizagem que vão além das questões ligadas ao aluno.

Pensar nos distintos elementos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem nos leva a outro fator fundamental para o sucesso dessa relação, que é o professor. Para Nepomuceno; Bridi (2010, p. 10):

O papel do professor é muito importante, pois será ele que conduzirá o processo. O educador não pode ser um mero espectador da construção de conhecimentos de seus alunos, ele deve ser organizador do processo de ensino aprendizagem, devendo ser um mediador do processo.

De acordo com a autora o professor não pode se limitar a esperar que o aluno assimile os conhecimentos sistematizados em seu próprio ritmo, mas sim atuar como um facilitador para que a construção dos referidos conhecimentos se efetive. Continuando na análise dos elementos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem Bartolomeu, Sisto e Marin Rueda (2006 apud Bridi, 2010, p.10) afirmam que:

A escola tem uma tarefa muito importante que é desenvolver na criança a sua auto-estima, ensinar o aluno a se relacionar, a resolver seus conflitos particulares e o auto-controle de suas decisões e emoções. As escolas devem buscar formas de prevenção nas propostas de trabalho, preparar os professores para entenderem os alunos, respeitar o ritmo de cada um, tendo a plena consciência que cada criança tem um desenvolvimento diferente uma da outra. A escola deve ser um ambiente onde as crianças possam sentir-se, motivadas e, principalmente, respeitadas.

Entender a escola como espaço que privilegie a dimensão afetiva, contemplando a auto-estima e o reconhecimento das potencialidades de cada um é colaborar para o desenvolvimento pleno dos alunos.

Portanto, a afetividade pode influenciar positiva ou negativamente no processo de aprendizagem. Ela atua como fio condutor, nas palavras de Piaget “elemento energético”, capaz de estimular a criança a buscar o novo. Com base nessa análise observe que a afetividade não modifica as estruturas cognitivas, mas atua como favorecedor para o sucesso ou para o atraso em determinada situação (SOUZA, 2003, p. 57). Na prática em sala de aula o que se percebe é que grande parte dos professores não têm essa clareza. Confundem afetividade com proximidade, e acabam manifestando relação de afeto apenas com os alunos que se envolvem com mais facilidade.

Em nossos estágios pudemos observar que as crianças desmotivadas manifestam pouca participação, e a partir de nossos estudos podemos inferir que as mesmas não demonstram energia, interesse ou vontade para aprender ou para estudar.

Para Piaget (apud DELL'AGLI; BRENELLI, 2010, p.63), “*A vontade, que é uma operação afetiva, que lida com valores, ações e decisões*”. Nesse sentido,

despertar no aluno a vontade por aprender é uma tarefa da escola e da família, pois tais instituições estão diretamente envolvidas no processo de ensino.

Uma análise de como o educador tem proposto os conteúdos escolares merece ser feita. Ainda que seja, um consenso entre eles de que as tarefas devam ser diversificadas devido à heterogeneidade dos alunos, em suas salas de aula adotam prioritariamente o ensino tradicional, em que as tarefas são as mesmas para todos, desconsiderando a fase de desenvolvimento em que as crianças se encontram – inclusive essa foi uma das constatações de nosso estudo. (DELL'AGLI; BRENELLI, 2010, p. 65).

Assegurar à criança o direito de aprender é contribuir de modo a valorizar o sujeito que aprende, o aluno. Assim, quando o professor possibilita aos seus alunos o acesso aos conhecimentos sistematizados de forma organizada e atraente, ele permite que a aprendizagem ocorra de maneira simples e natural. Ainda nas palavras das autoras: “As atividades diferenciadas de fato proporcionam maior envolvimento por levar em conta o nível de desenvolvimento e os interesses particulares da criança” (ibid, p. 65).

Segundo Dell'Agli; Brenelli (2010, p. 51), o que se observa é que existem crenças que privilegiam o aspecto afetivo ou o cognitivo. Que não existe uma visão integrada da criança, na qual sob a ótica piagetiana as dimensões afetiva e cognitiva são indissociáveis.

Educadores e familiares não têm clareza sobre a relação entre afetividade e inteligência. Para Dell'Agli e Brenelli (2010, p.52):

A teoria piagetiana permite uma análise interessante sobre essas dimensões ao considerar a afetividade e a inteligência como aspectos inseparáveis, irreduzíveis e complementares. Além do mais, a teoria de Piaget [...] preconiza a construção de estruturas, e estas, [...], não se restringem aos aspectos da inteligência.

A compreensão sobre a importância das dimensões afetivas e cognitivas é fundamental. Observamos que na teoria piagetiana a afetividade não é compreendida como sentimentos, como acontece no senso comum, mas como a energia possível para acelerar ou retardar o processo. É importante salientar que a afetividade não modifica as estruturas, apenas age sobre elas de modo a favorecer ou retardar o processo de aprendizagem.

Afetividade é, assim, energia, impulso, motivação das condutas, é o que dirige o sujeito para um (e não para outro) objeto, é o que faz com que o sujeito

escolha e valorize uma (e não outra) ação. Para De Souza (2003), a conduta humana, qualquer que seja ela, possui dois elementos fundamentais: um estrutural (dado pela inteligência), que fornece os meios (cada vez mais complexos) que permitem solucionar os problemas que o mundo apresenta; e também o elemento energético (dado pela afetividade), que impulsiona o sujeito em direção a uma solução, a um objeto, valorizando mais, ou menos, suas ações, físicas e mentais, inserindo-as numa hierarquia valorativa (DE SOUZA, 2006).

Podemos afirmar que a afetividade e a inteligência são insubstituíveis para o desenvolvimento pleno da criança, sendo importante que estejam presentes em sua formação humana. Portanto, a:

[...] inteligência e afetividade são diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da criança, o que significa que não há conduta unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva;
A afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o;
A afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo somente o elemento energético das condutas. (DE SOUZA, 2003, p. 57).

Ao pensar na dimensão afetiva a autora oportuna um entendimento sobre afetividade diferente do senso comum, cuja compreensão acerca da afetividade e da cognição os aponta enquanto elementos indissociáveis do desenvolvimento infantil. Mas é importante deixar claro que a afetividade não modifica as estruturas da inteligência.

Apresentamos a seguir algumas pesquisas que investigaram entre outros conceitos a temática da afetividade na relação professor e aluno, especialmente, no tocante àqueles alunos com dificuldades de aprendizagem.

Em sua tese de mestrado, Osti (2004) estudou como professores se posicionam frente aos alunos ditos “com dificuldades de aprendizagem”. Sua pesquisa tinha como objetivo caracterizar o que são tais dificuldades na concepção dos professores. Para Osti (2004, p. 59) “os professores devem estar, ou melhor, devem ser habilitados para detectar os sintomas das dificuldades de aprendizagem e saber como trabalhá-las em classe”. Isto significa que a

intervenção do educador é crucial no processo de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos, por isso é importante analisar sua conduta frente aos estudantes com dificuldades.

De acordo com a autora, a participação do professor nesse processo é fundamental, visto que quando alguns alunos são enquadrados como “difíceis para aprender” parece que, ao contrário do que se esperava, a relação professor e aluno acaba sendo prejudicada, pois o afeto torna-se ainda mais escasso, quando necessitaria ser mais trabalhado.

Dell'Agli (2008) analisou como o afeto pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem. Sua pesquisa teve como objetivo verificar as relações existentes entre afeto e cognição em crianças com e sem queixa de dificuldade de aprendizagem. Para tanto analisou 12 crianças que cursavam a 3ª série do ensino fundamental de uma escola da rede pública do interior do estado de São Paulo, sendo seis crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem e seis sem queixa de dificuldade de aprendizagem, segundo a informação da professora responsável. Os participantes eram de ambos os sexos com idade entre 9 e 10 anos.

Para a realização do estudo, Dell'Agli (2008) não se ateve nas distintas definições sobre as dificuldades de aprendizagem, mas em como o professor atua frente às crianças que enfrentam dificuldades para aprender. É importante salientar que em alguns casos o professor age inconscientemente e acaba por contribuir para a aversão dos alunos aos estudos.

Os estudos sobre a relação afeto-cognição são poucos, e para seu doutorado Dell'Agli (2008) fundamentou-se na teoria epistemológica genética de Jean Piaget.

Segundo Dell'Agli (2008), quando o aluno se sente seguro, confiante o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma agradável, é como se a criança não tivesse medo de arriscar. Durante sua pesquisa observou que os professores afirmam que as crianças que sentem-se confiantes, “além de se esforçarem, parecem pensar antes de responder, solicitam ajuda e mantêm suas ações dirigidas para a tarefa em curso” (DELL'AGLI, 2008, p. 165).

Dell'Agli construiu seu instrumento de pesquisa a partir das observações realizadas junto a escola e a família. Para a autora “Os aspectos afetivos foram

analisados a partir das observações nas atividades lúdicas e escolares e na percepção da professora e da família” (DELL’AGLI, 2008, p. 140).

Com base nos estudos de Dell’Agli observamos que Envolvimento na compreensão da autora a partir da observação realizada pela mesma em sala consiste em:

Envolvimento: A criança se esforça para atender as solicitações da professora executar a tarefa da melhor forma possível, isto é, tenta dar respostas completas, parece pensar antes de responder, explora o material, solicita ajuda quando não sabe o que fazer, demonstra alegria quando consegue realizar a tarefa escolar e contrariedade, quando não consegue realizá-las (DELL’AGLI, 2008, p.155).

Verifica-se que o professor age como direcionador das ações da turma. Quando seus alunos não contam com essa direção o retrocesso é contínuo, é como se o abismo entre o que é ensinado e o que deveria ser assimilado aumentasse significativamente. No que se refere à proximidade professor-aluno a autora evidencia que “a criança demonstra carinho, é solícita, conversa, conta sobre sua vida familiar e coisas do cotidiano” (DELL’AGLI, 2008, p.188). A atenção, outra categoria analisada por Dell’Agli (2008) implica em manter ações dirigidas para determinada tarefa, no caso da escola, as tarefas escolares. A autora apresentou em seu trabalho alguns exemplos de situações observadas que demonstraram atenção, proximidade e envolvimento por parte dos professores observados.

Exemplo 1: Atenção durante as tarefas:

Atenção: Ala (9;11) e Ali (9;1) sem queixa – E a atenção? – “É o mesmo caso da Ali, elas conversam muito no grupo sabe, com uma, com outras, mas não é nada que atrapalha. Elas falam bastante se for ver, mas é aquela coisa: na hora que tem que prestar atenção elas sempre estão atentas” (DELL’AGLI, 2008, p. 296). (Destaques da autora).

Exemplo 2: Envolvimento com as tarefas:

Envolvimento: Cai (10;1) sem queixa – E com relação ao envolvimento? – “Ele demonstra interesse por todas as matérias e

é bastante participativo. Participa em todas as tarefas. Ele tem sempre alguma coisa pra contar, alguma coisa pra trazer da vivência dele. Ele está sempre colocando algo como a Gab” (DELL’AGLI, 2008, p. 296). (Destaques da autora).

Exemplo 3: Proximidade:

Mat (9;7) sem queixa de dificuldade – “Fica ansioso nas vésperas de prova. Ele sempre pergunta se vai acertar: “será que vou acertar?”” (...) “Só quer tirar MS (muito satisfatório). Quando tira S fica meio triste.” (...) “Ele adora a professora.” (...) “Sim, gosta da escola. Não precisa mandar. Já chega em casa e quer fazer a lição antes mesmo de almoçar.” (...) “Não precisa, ele não pede ajuda. Consegue fazer tudo sozinho” (DELL’AGLI, 2008, p. 297). (Destaques da autora).

Com base nos exemplos apresentados e analisados por Dell’Agli (2008), e a partir das nossas conversas com professores e familiares, inferimos que muitas vezes os educadores não percebem que a atenção, o envolvimento e a proximidade são essenciais para o sucesso do aluno. Quando estes aspectos afetivos não são considerados o aluno tende a ser esquecido ao seu próprio tempo. Os professores afirmam que consideram os três aspectos, contudo, na prática o que observamos é que os alunos que aprendem com facilidade ou que se destacam em sala de aula tendem a ser beneficiados com a atenção, o envolvimento e a proximidade de quem o ensina.

Neste sentido sabemos que formar leitores é um desafio constante de todo educador, por isso, Castanho (2005) em seu estudo, teve como principal objetivo identificar quais os elementos afetivos que influenciam no processo de formação de novos leitores, ou seja, quais elementos atraem os alunos para a leitura. Castanho (2008) buscou entender o caminho percorrido pelos indivíduos para se tornarem leitores, e observou um elemento diferencial, capaz de objetivar o interesse pelos livros: o afeto, no caso de seu estudo identificado pelas representações positivas de si, dos alunos como leitores.

Para Castanho (2005, p.76), “a criança constrói suas representações de si a partir das diferentes valorizações que faz dos objetos com os quais interage e das práticas que vivência”. O que significa que o professor tem em suas mãos a chave para uma sala de aula que ofereça aos alunos oportunidades de desenvolverem não só o aspecto cognitivo, mas também o aspecto afetivo do

processo de desenvolvimento e aprendizagem e a própria realização do conhecimento.

A partir dos resultados da pesquisa de Castanho (2005), de Osti (2004) e de Dell'Agli (2008) entendemos que o afeto muito mais do que fazer parte da vida dos alunos, é um aspecto a ser considerado de forma responsável pelos professores. Quando não nos sentimos atraídos por algo, quando não temos interesse, quando não nos sentimos acolhidos em determinado ambiente, ou quando nossos sentimentos são de incapacidade ou baixa estima, dificilmente será possível estabelecer relações de aprendizagem com esse objeto. Entende-se então que o sucesso no processo educativo somente será alcançado quando o aluno sentir-se participante, atraído, integrado, motivado, interessado, enfim, afetivamente ativo.

Cabe ao professor incentivar a participação do aluno, para que o mesmo possa sentir-se interessado e afetivamente envolvido. Porém, sabemos que estudar nem sempre é agradável e que as crianças percebem isso, portanto cabe o educador promover estratégias de intervenção pedagógica que promovam o interesse e o envolvimento do aluno.

É claro que para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem existem requisitos necessários, como professores com adequada formação, materiais e métodos adequados, e não estamos em defesa apenas do sentimento em sala de aula, mas o que pretendemos é que o professor entenda que a afetividade mantém relação intrínseca com a cognição.

A afetividade na escola ainda é, portanto, um tema carente de estudos, já que poucos pesquisadores navegam por este tema, visto sua complexidade. Portanto, a relação cognição-afeto não é tão frequente como proposta de resultado ao crescente número de crianças ditas com dificuldades de aprendizagem, contudo, Marina (1996, p.1) nos convida à reflexão: “Os sentimentos modificam o pensamento, a ação e o entorno; a ação modifica o pensamento, os sentimentos e o entorno; o entorno influi no pensamento, nos sentimentos e na ação; os pensamentos influem nos sentimentos”.

Com base no excerto acima percebemos o quanto o afeto pode contribuir no processo de aprendizagem. Verificamos com base no jogo de palavras apresentado pelo autor que o entorno corresponde ao espaço onde ocorre o

processo educativo. É o ambiente escolar. Quanto à relação ação-sentimento-pensamento um interage com o outro.

Nas palavras de Gadotti (2004, p.13):

O ensino centrado no aluno deveria basear-se na empatia, na autenticidade, confiança nas potencialidades do ser humano, na pertinência do assunto a ser aprendido, na aprendizagem participativa, na totalidade da pessoa, na auto-avaliação e na autocrítica.

Por outro lado, a temática do afeto não pode permanecer apenas no âmbito escolar. Outra hipótese dos professores é que as crianças que não aprendem têm problemas emocionais, ou seja, não contam com o devido apoio, incentivo, orientação e afeto adequados em suas famílias.

Ainda podemos afirmar que vivemos um momento no qual a sociedade vive o individualismo: ser o melhor em um cenário que prioriza aquele que tem maiores possibilidades de destaque. Nesta perspectiva as crianças que contam com famílias mais presentes em seu desenvolvimento, são estimuladas a destacar-se.

A família incentiva seus filhos a serem os melhores, e a escola acaba por apoiar os que se destacam ao passo que aqueles quietos, tímidos, opacos, com dificuldades, ficam por vezes “esquecidos”. Essas ações com o tempo vão se naturalizando e os hábitos vão sendo determinados, professores preconizam relações de estabilidade emocional com alguns e acabam deixando outros, mantendo um laço de afetividade que prioriza apenas os que se destacam.

Por outro lado bem sabemos que a ausência e ou negligência da família junto à criança tendem a ser fator que também pode desencadear a dificuldade de aprendizagem. Como o presente trabalho tem por objetivo identificar o conceito de afetividade para pais e professores a próxima seção discute a temática da relação escola e família.

3. RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E A CONTRIBUIÇÃO DAS DUAS INSTITUIÇÕES PARA A CRIANÇA

Buscar conhecer quais as relações estabelecidas entre família e escola é algo complexo. Alguns pesquisadores têm se debruçado sobre este tema, almejando contribuir para que a dinâmica entre família e escola possa auxiliar e propiciar o sucesso escolar dos alunos. Nesse sentido, Nogueira (2006, p.161) afirma que:

Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar – o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais.

Observe que a família concebe a escola como instituição responsável por garantir o sucesso do filho. Essa preocupação desprendida por essa instituição em “garantir” o futuro do filho é uma questão que merece ser compreendida. Antes de preparar os alunos para o futuro profissional a escola precisa se preocupar em garantir que seus alunos se desenvolvam em diferentes aspectos: afetivo, cognitivo, social e moral.

Nogueira (2006) buscou entender as relações entre escola e família sob a ótica sociológica. No artigo “Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação”, a autora faz um breve histórico sobre como a relação entre essas duas instâncias foi se estabelecendo ao longo dos tempos.

Entre os fatores apresentados por Nogueira (2006) estão as mudanças sofridas tanto pela escola, quanto pela família. No que se refere às mudanças sofridas pela família podemos citar os diferentes tipos de famílias, o acesso da mulher ao mercado de trabalho, as novas formas de família (divorciados, recasados, famílias monoparentais, entre outras). Essa diversificação precisa ser analisada e entendida, pois não se pode jogar a culpa do fracasso escolar sobre a família, como se houvesse um jeito único de ser família.

Dentre às mudanças sofridas pela escola, uma que merece destaque é a compreensão do que significou e significa o construtivismo para a educação. Nesta concepção pedagógica o aluno é ativo na construção do conhecimento. Porém esta atividade foi mal compreendida por muitos professores, que se omitiram da ação de ensinar por acreditar que aluno poderia aprender sozinho. Outra questão é que, se consideramos o aluno participante no processo de aprendizagem, entendemos que ele vem para a escola com uma gama de conhecimentos já construídos e, sendo assim, é muito importante para o professor saber qual a relação que esse aluno tem com a família.

Conforme Nogueira (2006, p. 162), “se, portanto, a família vem penetrando crescentemente os espaços escolares, a escola também, por sua vez, alargou consideravelmente sua zona de interação com a instituição familiar”. Observamos que a autora chama a atenção para o risco em se constituir “uma parceria”. Segundo Nogueira (2006), fica evidente a necessidade em se aprofundar e problematizar as questões relativas à parceria proposta entre escola e família, ressaltando que não se pode esperar o mesmo comprometimento de famílias pertencentes a diferentes níveis sociais, obviamente, cuidando para não providenciar preconceitos, mas pelo contrário, se organizar de modo a acolher e bem atuar junto as diferentes famílias. De acordo com a autora:

Do ponto de vista sociológico, o interesse e o esforço de desnudar a realidade educacional sob esse prisma, significarão sobretudo colocar (e responder) certas questões centrais: são os diferentes grupos sociais igualmente propensos às trocas com os educadores? Possuem eles as mesmas disposições (no plano das condutas e das mentalidades), favorecedoras do diálogo e da colaboração? Apresentam a mesma probabilidade de responder de modo adequado às expectativas da escola? Trata-se, em síntese, de conhecer a diferença na maneira pela qual o processo histórico de articulação família-escola vem incidindo sobre os diversos meios e agentes sociais (NOGUEIRA, 2006, p.166).

Com base nessa análise inferimos que a relação estabelecida entre família e escola ainda é complexa. Contudo não nos ateremos ao objetivo de investigar como essa relação se expressa, mas em investigar qual a contribuição do afeto para o processo de ensino e aprendizagem na relação escola-família.

Nogueira (2006) escreve sobre um projeto realizado em uma escola pública estadual de segundo ciclo do ensino fundamental em São Carlos-SP, cujo objetivo foi fortalecer as relações escola-famílias. Para alcançar este objetivo consideraram a visão que professores e famílias apresentavam sobre as necessidades educativas dos alunos e a importância dos conhecimentos escolares.

Esse estudo nos permite refletir sobre alguns aspectos relacionados aos alunos com dificuldades de aprendizagem. É comum que elementos entendidos como causadores da dificuldade em aprender sejam relacionadas aos alunos. Segundo Reali; Tancredi (2005, p.240):

Características como a personalidade, motivação, origem familiar, entre outros aspectos, são tomadas como causa da não aprendizagem, do desinteresse dos alunos pela escola e do seu mau comportamento. Não é incomum que essas características sejam concebidas como imutáveis, impermeáveis à influência do processo de ensino. E, os professores desconsideram fatores relacionados diretamente à sala de aula e ao ensino, como causas que afetam o envolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Quando alunos são rotulados, ou diagnosticados como sujeitos com dificuldades de aprendizagem, em geral os fatores que poderiam estar causando as dificuldades são associados aos estudantes ou a organização familiar dele. Se pelo ângulo da escola tais fatores recaem sobre o aluno, sua condição social, sua cultura ou ainda sua condição familiar, pelo ângulo familiar a culpa costuma ser em primeiro lugar do aluno, que não se esforça e depois da escola, que não cumpre sua função.

No início do trabalho as autoras Reali e Tancredi (2005) afirmam que as crenças acima descritas estavam presentes entre os professores e as famílias envolvidas no projeto, porém, conforme o trabalho foi sendo realizado novas formas de pensar a realidade escolar se constituiu tanto para pais, quanto para professores.

Ao fim do projeto a pesquisadora observou que a parceria escola-família pode ser significativa. O projeto possibilitou que a escola conhecesse as famílias, por meio de atividades que priorizaram novas práticas de interação mais

igualitárias, respeitosas, distintas das que ocorriam tradicionalmente (REALI; TANCREDI, 2005, p. 246).

Esse estudo nos remete a outra reflexão: as famílias possuem conhecimentos esclarecidos sobre os conteúdos que são ensinados na escola? Por que é tão comum a falta de participação das famílias na vida escolar das crianças?

De acordo com Reali e Tancredi (2005, p. 247), “a escola deve ter autonomia para estabelecer o seu próprio modelo de interação voltado para uma participação efetiva e contínua dos pais na educação escolar dos seus filhos”. Desse modo podemos perceber que para que os preconceitos sejam superados e a família possa participar mais e melhor da vida escolar das crianças medidas precisam ser tomadas.

Segundo Carvalho (2008 apud Caetano, 2009, p.19) “escola e família são instituições educativas, com finalidades distintas, contextos específicos e limites definidos”. Note que tanto família quanto escola tem o dever de educar, contudo, cada uma possui suas especificidades, que precisam ser compreendidas e assumidas. Quando isso não acontece essas responsabilidades tendem a ser “empurradas” de uma para a outra, e quem perde é o aluno em formação.

Portanto, para que qualquer relação seja estabelecida entre escola e família é essencial, primeiramente, que se pense no aluno. Escola e família precisam compreender seu papel como atuante para o desenvolvimento pleno do sujeito que está sob sua responsabilidade. A família, enquanto primeiro grupo a receber a criança quando a mesma nasce, deve possibilitar que ela se sinta acolhida, precisa propiciar à criança condições para se desenvolver e assimilar as condições pelas quais as coisas acontecem. Nesse sentido Caetano afirma que a criança:

[...] necessita do recôndito do espaço privado, isto é, da proteção da família, por um tempo suficiente para que se desenvolva plenamente e ingresse como adulto na sociedade. E esse tempo não é rápido, pois abrange os anos de sua infância e adolescência (CAETANO, 2009, p.16).

Quando se compreende a família enquanto instituição protetora a relação com a escola tende a ser mais significativa. Para a autora a criança precisa

sentir-se segura para que possa se desenvolver plenamente, tornando-se um adulto responsável. É mediante a relação com a família que os pequenos poderão organizar suas estruturas e assimilar como a sociedade está organizada, manifestando assim suas noções de valores, moral, disciplina. É importante lembrar que tais elementos precisam ser ensinados para que quando crescerem as crianças possam praticá-los.

Quando falamos da importância da família, enquanto instância formadora de valores e protetora do público infantil, podemos ainda nos relacionar à escola, que para possibilitar uma relação de parceria precisa fazer parte deste processo. De acordo com Caetano (ibid, p.48):

O trabalho da escola em relação à família necessita encontrar caminhos para que as duas instituições possam auxiliarem-se mutuamente na construção do desenvolvimento infantil. Trocando em miúdos, isso significa que a escola necessita estar disposta a acolher a família, e mais que isso, elaborar junto com a família práticas educativas.

Para Caetano (2009) a relação escola- família só ganhará sentido quando a primeira acolher a segunda, ou seja, aceitar. Em nossos estágios durante o curso pudemos perceber como essa relação é conturbada. É comum ouvir professores culpando a escola pelo insucesso dos filhos, ou então a família deixar sob a escola toda a responsabilidade dos filhos. A partir de seus estudos relacionados a família, Caetano mostra o quanto a participação entre as duas instâncias pode favorecer o sucesso dos estudantes. Não basta buscar culpados, é preciso que trabalhem juntas.

Embasada nos estudos de Rios (2008), La Taille (2009), Carvalho (2008), a autora conclui que o objetivo comum às duas instituições é o de atuar na construção do ser humano e do desenvolvimento pleno do mesmo, o que evidência que escola e família deveriam ter a mesma premissa, a de contribuir para o crescimento integral do indivíduo em desenvolvimento, e essa tarefa não pode ser dividida, mas sim compartilhada.

Na análise feita por Dell'Agli (2008) em sua tese de doutorado, já mencionada neste trabalho, são apresentados os resultados da pesquisa com famílias de crianças com e sem queixas de dificuldades de aprendizagem. Os

instrumentos para a pesquisa da autora foram organizados de modo a comparar qual a percepção das famílias dos dois grupos quanto aos seguintes aspectos relacionados à proximidade, à independência e às formas de expressão.

A pesquisa de Dell'Agli mostra como que na percepção da família cada aspecto desse é relacionado com a escola, a família e os amigos. Para a compreensão dos resultados a autora apresenta categorias para comparar se as crianças eram próximas, parcialmente próximas ou distantes.

Dell'Agli (2008, p. 202), ao concluir a apresentação dos aspectos afetivos das crianças com e sem queixas de dificuldades de aprendizagem na concepção das famílias evidencia que as diferenças significativas estão relacionadas à escola. A autora percebeu que as crianças dos dois grupos não demonstraram muita diferença no que se refere a proximidade com a família e com os amigos.

Poderíamos dizer que existe na escola uma representação social da família e vice-versa. Para Osti (2004, p.13):

A representação social é construída dentro do cotidiano. O indivíduo se orienta na definição e interpretação de sua realidade externa através dessas construções mentais. Na interação que professor e aluno estabelecem na escola, os fatores afetivos e cognitivos influenciam esta relação, pois através das imagens construídas por alunos e professores a respeito um do outro, cria-se uma rede de expectativas recíprocas entre professores e alunos, que pode ou não ser harmoniosa.

Contudo é preciso ter cuidado sobre essa representação social, pois nem sempre esta condiz com a realidade. Acontece que em alguns casos a escola tem uma imagem da família nada positiva. Acaba assimilando esta imagem estereotipada, impedindo que uma relação de reciprocidade possa ser estabelecida. Família e escola devem ter comum o objetivo de contribuir para o desenvolvimento pleno do sujeito, atuando ambas na construção do ser humano em questão.

Os estudos sobre a relação família-escola permitiram compreender que ambas tem papel fundamental para a formação integral do aluno. Não se pode impor maior importância a nenhuma das duas instituições, já que na prática ambas deveriam atuar juntas.

4. CONCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO AFETO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral:

- Investigar qual o conceito de afetividade para professores e pais, e como o afeto pode ou não contribuir para o processo de ensino e aprendizagem.

Sendo que os objetivos específicos são:

- Compreender através da revisão bibliográfica a contribuição do afeto para o processo de ensino e aprendizagem;
- Investigar os conceitos de professores sobre a contribuição do afeto para o processo de ensino e aprendizagem;
- Investigar os conceitos da família sobre a contribuição do afeto para o processo de ensino e aprendizagem.
- Estabelecer relações entre as respostas dos professores e da família, e entre tais respostas e a literatura investigada.

4.1. MÉTODO

O presente trabalho contou com pesquisa de campo.

4.2. OS PARTICIPANTES

Os participantes desse estudo foram constituídos de 4 professoras e 4 mães, de alunos de ensino fundamental. A amostra foi escolhida por conveniência, ou seja, contamos com participantes cooperadores e dispostos à participação no projeto.

4.3. SITUAÇÃO EXPERIMENTAL

A. Local

A pesquisa foi realizada de modo informal, sendo que a pesquisadora convidou professoras e mães cujos filhos frequentam o ensino fundamental a disponibilizarem quinze minutos do seu tempo para responderem a uma entrevista. Desse modo, não houve definição prévia do local de realização da pesquisa.

B. Instrumentos de pesquisa

Essa pesquisa utilizou os seguintes instrumentos:

- 1) Termo de consentimento livre esclarecido para pais ou responsáveis (Anexo 1);
- 2) Termo de consentimento livre esclarecido para professores (Anexo 2);
- 3) Roteiro de entrevista utilizando uma adaptação dos instrumentos utilizados por Dell'Agli (2008), em sua tese de doutorado: Segue o modelo de instrumento utilizado.

Você considera que é importante o professor ter uma relação próxima com os seus alunos?

() Sim. Por quê? () Não. Por quê? () Sim e não. Por quê?

Dê um exemplo de uma atitude de relação próxima de professor e aluno.

Você considera que é importante que o professor tenha envolvimento com os seus alunos?

() Sim. Por quê? () Não. Por quê? () Sim e não. Por quê?

Dê um exemplo de envolvimento na relação professor – aluno.

Você considera que é importante o professor ser atento aos seus alunos?

() Sim. Por quê? () Não. Por quê? () Sim e não. Por quê?

Dê um exemplo de uma atitude de atenção do professor em relação ao aluno.

4.4. PROCEDIMENTOS

A. Para a coleta de dados

Esse trabalho está ligado ao projeto de pesquisa intitulado: “Estado da arte da relação escola e família: as concepções de pais, responsáveis e professores”, cuja coordenadora é a professora adjunta doutora Luciana Maria Caetano, orientadora do presente trabalho.

Logo, como parte do projeto de pesquisa: “Estado da arte da relação escola e família: as concepções de pais, responsáveis e professores” (CAEE 01924612.5.0000.0104), essa pesquisa foi avaliada e autorizada previamente pelo Comitê de ética de pesquisa com seres humanos da Universidade de Estadual de Maringá.

Os participantes da pesquisa assinaram o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme anexos 1 e 2). A pesquisadora salvaguardou a todos os participantes o voluntariado na participação, bem como o direito ao sigilo e a interrupção ou desistência do preenchimento dos questionários.

A aplicação dos questionários foi realizada individualmente. As entrevistas foram realizadas oralmente, e a pesquisadora tomou nota das respostas.

B. Para a Análise de Dados

Os dados foram analisados qualitativamente, estabelecendo relação entre as respostas dadas pelos participantes e a pesquisa bibliográfica. A partir das leituras realizadas, acerca dos conceitos de afetividade e da relação família-escola.

4.5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das respostas dos participantes tivemos a oportunidade de fazer a relação dos conceitos com os exemplos apresentados pelos entrevistados (mães e professoras).

A seguir apresentamos as respostas dadas por parte dos educadores, que neste momento serão chamados de: 1, 2, 3 e 4. A tabela 1 nos permite observar o que significa, na concepção dos professores entrevistados, proximidade, envolvimento e atenção.

TABELA I – DIMENSÃO AFETIVA NA CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Você considera que é importante o professor ter uma relação próxima com os seus alunos?
1: (X) Sim. A figura do professor pode ser muito importante. 2: (X) Sim. Pois a parte afetiva contribui ao desenvolvimento do aluno 3: (X) Sim. Para a formação de vínculos afetivos. 4: (X) Sim. É possível detectar as dificuldades que os alunos têm em determinados conteúdos.
Dê um exemplo de uma atitude de relação próxima de professor e aluno
1: Conversar, perguntar para conhecê-lo melhor. 2: Diante de um erro do aluno, dizer que é capaz de resolvê-lo. 3: Abrir espaço para ouvir o aluno, mostrar-se interessado. 4: Procurar saber conteúdos ou disciplinas que os alunos mais ou menos gostam.
Você considera que é importante que o professor tenha envolvimento com os seus alunos?
1: (X) Sim e não. O envolvimento pode ou não fazer a mudança. 2: (X) Sim. Pois assim poderá atuar de forma melhor ao ensinar os seus alunos, sabendo da complexidade de cada um. 3: (X) Sim. Porque estabelecemos uma relação de confiança. 4: (X) Sim. Envolvendo-se se cria um laço de credibilidade entre professor e alunos.
Dê um exemplo de envolvimento na relação professor - aluno.

1: <i>O professor deve buscar todas as alternativas para atingi-lo</i> 2: <i>Procurar atividades diversificadas conforme a necessidade de cada aluno.</i> 3: <i>Quando eles têm confiança, conseguem “se abrir” conosco.</i> 4: <i>* não deu exemplo</i>
Você considera que é importante o professor ser atento aos seus alunos?
1: <i>(X) Sim. O professor conhece seus alunos um a um.</i> 2: <i>(X) Sim. A partir disso poderá verificar os avanços e retrocessos dos alunos, e suas possíveis dificuldades.</i> 3: <i>(X) Sim. Para perceber se há “algo de errado” com eles.</i> 4: <i>(X) Sim. Estando atento aos alunos, auxiliá-los nas dificuldades que apresentam.</i>
Dê um exemplo de uma atitude de atenção do professor em relação ao aluno
1: <i>Qualquer coisa que o aluno faça em sala, o professor sabe que se não for de sua conduta estará ou está acontecendo algo com ele, que lhe esta afetando em sala de aula.</i> 2: <i>Andar pela sala, verificando o que cada um está conseguindo fazer.</i> 3: <i>Crianças alegres que de repente comecem a apresentar um comportamento apático ou quando apresentam um raciocínio lento, dificuldades na leitura e escrita, operar matematicamente ou suas habilidades e destrezas parecem comprometidas, é necessário estarmos atentos. Nossa atitude deve ser de observadores, investigadores e atuantes no processo de aprendizagem dos nossos alunos.</i> 4: <i>Diagnosticar os conhecimentos que os alunos têm sobre um determinado conteúdo e o que conseguiram ampliar após o estudo realizado.</i>

Observamos que todas as professoras entrevistadas afirmaram que é importante que o professor esteja próximo, atento e envolvido com seus alunos. Contudo, nos exemplos apresentados notamos que o que elas entendem por proximidade, atenção e envolvimento está associado apenas a noções essenciais do professor. Os exemplos ilustram que estar próximo é detectar as dificuldades dos alunos, é permitir laços afetivos. Porém, a compreensão do

conceito de afetividade das professoras em questão é diferente do proposto por Dell'Agli (2008), que embasada na teoria psicogenética entende que a afetividade e inteligência são indissociáveis.

Para Piaget (1930/1994 apud Dell'Agli, 2008, p.73), afetividade:

[...] são os sentimentos propriamente ditos e, em particular, as emoções e as diversas tendências incluindo de modo particular a vontade, por concebê-la como a regulação de sentimentos elementares.

A partir da análise dos resultados das entrevistas com os autores consultados constatamos que os professores não compreendem o que significa afeto à luz da teoria piagetiana. Notamos ainda que proximidade, envolvimento e atenção, que sob a análise de Dell'Agli (2008) são elementos fundamentais para tornar a relação professor-aluno significativa e além disso promovem a construção do interesse do aluno, da vontade de estudar e da valorização do aprender.

Com base nos resultados obtidos nos perguntamos: será que as professoras entendem a relação entre inteligência e afetividade? A partir das respostas consideramos que para elas cognição e afeto não têm a relação direta que descobrimos na teoria.

As respostas evidenciaram que proximidade consiste em se importar com o aluno. Quanto ao envolvimento percebemos que as respostas se aproximam da afetividade, as professoras relacionaram com confiança, credibilidade. Com relação à atenção, as entrevistas apresentaram que para as professoras estar atento é conhecer o aluno, é perceber se existe alguma coisa diferente. Contudo, os exemplos deixaram claro que na prática a atenção se resume a observar o que o aluno faz em sala, apenas uma professora comentou sobre a mudança de comportamento de um aluno, e como é importante estar atento, acompanhar e tentar descobrir as causas.

As respostas revelam um posicionamento politicamente correto por parte do professor. Não percebemos em nenhuma resposta algum tipo de reflexão sobre a temática, ou mesmo o questionamento do que queríamos dizer com proximidade, atenção ou envolvimento.

Ao analisar as respostas das professoras entendemos que, assim como afirma Dell'Agli (2008, p. 243):

O aspecto afetivo, cognitivo, moral, social e espiritual compõe o ser humano em sua totalidade e a escola se quiser ser de fato uma instituição formadora não pode se eximir da responsabilidade de abordar em sua metodologia todos eles com o mesmo peso e a mesma importância. Tudo isso pode ser considerado como ideal a ser conquistado, mas jamais como algo impossível.

Após conhecer e analisar as opiniões das docentes passaremos agora as opiniões mães, que representaram em nossos estudos as famílias. A tabela II é a apresentação dos conceitos de proximidade, envolvimento e atenção dos professores na concepção das famílias, que serão denominadas de 5, 6, 7 e 8.

TABELA II – DIMENSÃO AFETIVA NA CONCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS

Você considera que é importante o professor ter uma relação próxima com os seus alunos?
5: (X) Sim. Por que o aluno se interessa mais pela aula
6: (X) Sim. Para que ele seja um amigo.
7: (X) Sim. Pois o desempenho será bem melhor.
8: (X) Sim. Para ajudá-lo é importante.
Dê um exemplo de uma atitude de relação próxima de professor e aluno
5: Acompanhar as atividades em sala de aula.
6: Converse mais com ele.
7: Dificuldade em casa com pai e mãe.
8: * não deu exemplo
Você considera que é importante que o professor tenha envolvimento com os seus alunos?
5: (X) Sim. Por que ele percebe quais as dificuldades da criança.
6: (X) Sim. Melhora o aprendizado dos alunos.
7: (X) Sim. * não respondeu o porquê
8: (X) Sim. Por aproximá-lo, isso é importante.
Dê um exemplo de envolvimento na relação professor - aluno.

5: <i>Perceber se a criança traz dificuldades de relacionamento em casa.</i> 6: <i>Ajudar em todas as dificuldades</i> 7: <i>Estar sempre atento se o aluno está fazendo as tarefas.</i> 8: <i>* não deu exemplo</i>
Você considera que é importante o professor ser atento aos seus alunos?
5: <i>(X) Sim. Acompanhar o aprendizado dos alunos.</i> 6: <i>(X) Sim. Consegue observar as dificuldades.</i> 7: <i>(X) Sim. não respondeu o porquê</i> 8: <i>(X) Sim. Eles ficam mais responsáveis.</i>
Dê um exemplo de uma atitude de atenção do professor em relação ao aluno
5: <i>Para notar caso a criança possua anormalidade para aprendizagem.</i> 6: <i>Ajudar o aluno que vai a escola com problemas que leva de casa.</i> 7: <i>Estar sempre atento ao desenvolvimento do aluno, se sente dificuldades de alguma matéria.</i> 8: <i>Conversar, orientá-los, ajudá-los, isso realmente é importante.</i>

A partir das falas das mães notamos que as mesmas se aproximam muito dos conceitos de proximidade, envolvimento e atenção apresentados pelos professores. Por outro lado, diferentemente dos professores, as mães por sua vez, já nos questionavam sobre o que queríamos dizer com as idéias de envolvimento, proximidade e atenção. Durante as entrevistas pudemos observar quais eram suas reações ao pensar sobre as perguntas, e notamos que num primeiro momento surgia a dúvida: Como assim, atenção? Envolvimento?

Após explicarmos sobre o que estávamos falando as mesmas mostravam-se mais cientes do assunto, e até demonstravam o quanto esses elementos são importantes para o processo de aprendizagem nas suas concepções. Observamos que à medida que íamos conversando, as mães iam expondo suas expectativas, seus desejos e anseios por verem seus filhos alfabetizados. Falavam sobre quais deveriam ser as ações dos professores de seus filhos diante das dificuldades dos mesmos, citavam exemplos de como a relação entre professores e alunos deveria ser estabelecida. Entre os exemplos citados: “Estar

sempre atento ao desenvolvimento do aluno, se sente dificuldades de alguma matéria” ou ainda “Ajudar o aluno que vai a escola com problemas que leva de casa”.

Sabemos que a nossa amostra é bastante reduzida e que essas respostas não podem ser generalizadas, mas acreditamos que elas nos permitem refletir sobre algumas questões importante:

1. A família tem expectativas em relação à escola, inclusive no que se refere aos aspectos afetivos na relação entre os seus filhos e professores. Considerar tais expectativas como positivas e não como cobrança é um caminho interessante para a escola;
2. Os professores precisam aprofundar seus conhecimentos sobre o conceito e as relações de afeto em sala de aula, para não manterem essa relação no âmbito do senso-comum, sem considerar o afeto como energia que move a ação e aprendizagem do aluno;
3. Inferimos que a parceria escola-família é essencial para o sucesso dos alunos, e que a dimensão afetiva precisa ser considerada pela escola e pela família, pois isso implica em colaborar para o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Pensamos que diante de nossas observações, tanto as professoras quanto as mães de nossa amostra, não demonstraram ter clareza sobre o real significado de afetividade.

Para os participantes da pesquisa, o termo está ligado às emoções, mas não tem nenhuma relação com as estruturas cognitivas. Nesse sentido, a afetividade não tem participação no processo de aprendizagem.

Conforme a pesquisa bibliográfica apresentada podemos observar que a afetividade atua de modo a favorecer o processo de aprendizagem. Notamos ainda que ela atua como a energia do processo, que pode atuar positiva ou negativamente. Quando compreendida em sua dimensão a afetividade possibilita ao aluno as sensações de vontade, prazer, realização, autoestima, felicidade,

orgulho. Mas a afetividade também pode ser expressa em sentimentos negativos, que tendem a afetar o processo de aprendizagem, afetando-o. Os sentimentos negativos podem ser: vergonha, humilhação, inferioridade, raiva, irritação, ódio, tédio, culpa (DE SOUZA, 2003; DELL'AGLI, 2008; OSTI, 2005).

No que se refere à relação família-escola observamos a noção de parceria ainda não existe. O que há é uma relação conturbada, na qual as duas instituições culpam uma a outra. Concluimos que família e escola são fundamentais para o sucesso dos alunos, e a reciprocidade de ambas tende a contribuir para o desenvolvimento integral e pleno do sujeito (NOGUEIRA, 2006; REALI; TANCREDI, 2005).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi investigar qual o conceito de afetividade para professores e pais. Verificamos com base nesse estudo de conclusão de curso, a importância do estudo sobre a temática da afetividade na formação de professores e que estes sejam elos entre tais conhecimentos e as famílias. Consideramos que a parceria escola-família e o conceito de afetividade são aspectos que precisam ser considerados para o sucesso do processo de escolarização (DELL'AGLI, 2008; CAETANO, 2010).

Ao propor a investigação sobre qual a contribuição do afeto no processo de ensino e aprendizagem já pensávamos que tanto os professores quanto os familiares não possuíam a devida compreensão sobre o conceito de afeto.

A pesquisa bibliográfica possibilitou conhecer o que pensam alguns estudiosos desta temática, e contribuiu para que pudéssemos entender como a afetividade é fundamental para o sucesso escolar do aluno. A afetividade não se resume a emoção desprendida em relação ao outro, mas atua como energia no processo de aprendizagem, capaz de atuar para o sucesso ou para o fracasso na vida escolar.

Entender a afetividade favoreceu a compreensão da relação entre as estruturas cognitivas e as condutas afetivas do sujeito. Aprendemos que a afetividade não pode modificar as estruturas cognitivas, mas essas podem ser favorecidas ou retardadas por problemas de ordem afetiva, entre eles, a falta de interesse, motivação e ou envolvimento por parte do aluno.

À luz da teoria piagetiana identificamos o quanto a emoção interfere na cognição, e descobrimos que afetividade e inteligência são inseparáveis, porém, uma não modifica a outra. A contribuição deste estudo para a formação de qualquer profissional torna-se fundamental, já que cognição e afeto estão sempre juntos.

Conforme já dissemos, este trabalho de conclusão de curso consistiu na continuidade de nossa pesquisa de iniciação científica, que num primeiro momento buscou analisar qual a contribuição do afeto na relação professor-aluno como fator favorecedor do sucesso no trabalho com alunos portadores de dificuldades de aprendizagem. A partir do projeto de iniciação científica

percebemos que a temática da afetividade é essencial para a formação de um pedagogo, e concluímos que foi pouco estudada durante nossa formação na graduação.

Entendemos que essa área do conhecimento: o desenvolvimento afetivo é de grande importância na formação de um pedagogo. É comum ouvir dizer que a formação deste profissional é global, completa, porém, pudemos constatar que ainda nos faltam conhecimentos referentes à dimensão afetiva do processo de ensino e aprendizagem.

Podemos afirmar que percorremos um pequeno trecho deste imenso caminho existente entre cognição e afeto, no qual muitas perguntas ainda tendem a ser explicadas, perguntas e respostas que poderão ser muito significativas e essenciais a todo professor.

REFERÊNCIAS

BARTHOLOMEU, D.; SISTO, F. F.; MARIN RUEDA, F. J. Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças. **Psicol. estud.**, Abr 2006, vol.11, no.1, p.139-146.

CAETANO, L. C. **Dinâmicas para reunião de pais:** construindo a parceria na relação escola e família. São Paulo: Paulinas, 2009.

CAETANO, L. C. **Temas atuais para a formação de professores:** contribuições da pesquisa piagetiana. São Paulo: Paulinas, 2010.

CASTANHO, A. F. A. **A formação do leitor:** aspectos afetivos e cognitivos. São Paulo, 2005, 106 p. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp022138.pdf>> Acesso em: 30/09/2011.

DELL'AGLI, B. A. V.; BRENELLI, R. P. Dificuldades de aprendizagem: análise das dimensões afetiva e cognitiva. In: CAETANO, L. C. **Temas atuais para a formação de professor:** contribuições da pesquisa piagetiana. São Paulo: Paulinas, 2010.

DELL'AGLI, B. A. V. **Aspectos afetivos e cognitivos da conduta em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem.** Tese de Doutorado (Não publicada). Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 2008.

DE SOUZA, M. T. C. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, V. A. (org). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003. p. 53-70.

DE SOUZA, M. T. C. C., Relações entre afetividade e inteligência: causalidade ou complementariedade? Considerações a partir da teoria de Jean Piaget. In: BUSSAB, V. S. R.; DE SOUZA, M. T. C. C. (orgs). **Razão e emoção:** diálogos em construção. São Paulo, Casa do psicólogo, 2006. p. 39-52.

GADOTTI, M. **Escola Cidadã.** São Paulo: Cortez, 2004

KUPFER, M. C. M. Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão. In: ARANTES, V. A. (org). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003. p. 35-52.

MARINA. J. A. **Ética para náufragos.** Barcelona: Anagrama, 1996.

NEPOMUCENO, C. P.; BRIDI, J. C. A. O papel da escola e dos professores na educação de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 9, n. 1, p. 25-38, Jan/Jul, 2010. Disponível em: <<http://revistas.facecla.com.br/index/reped>> Acesso em: 21/08/2012.

NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e realidade**, n.31, v.2, p.155-170, Jul/Dez, 2006.

OSTI, A. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. Dissertação de Mestrado (Não publicada). Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 2004.

REALI, A. M. M. R; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. **Paidéia** (Ribeirão Preto), n.3, v.15, p.239-247, Mai/Ago, 2005.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS

AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E FAMILIARES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

PESQUISADORAS: Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano - Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação – UEM

ACADÊMICA: Gisele Montagnoli da Fonseca

Você está sendo **convidado a participar da pesquisa: “As concepções de pais e professores sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem”**, sob a orientação da Prof^a Dra Luciana Maria Caetano do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

A **pesquisa tem como objetivo** Investigar qual o conceito de afetividade para professores e pais

A **coleta de dados** será feita através de uma entrevista, sem riscos para os sujeitos da pesquisa. Você deverá respondê-la da melhor forma possível. O tempo total gasto deverá ser de aproximadamente 10 minutos. Havendo necessidade de qualquer esclarecimento, tire as dúvidas que julgar necessárias para a perfeita compreensão do que se está perguntando. Não é preciso escrever seu nome, pois a sua participação é anônima. As respostas serão guardadas com todo o sigilo e a ética que deve conter uma pesquisa.

As informações fornecidas têm como propósito a coleta de dados e não trarão benefícios diretos a você, neste momento. Entretanto, sua participação pode contribuir para melhor compreensão das concepções dos pais e professores acerca da relação família e escola.

De acordo com a **Resolução 196/96** do CNS e baseando-se nos princípios basilares da Bioética (autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça), você tem o direito de não participar do estudo. Não é um estudo utilizando remédios e nenhum exame complementar será necessário. Sua participação é voluntária e você pode desistir de participar em qualquer momento da pesquisa, sem que isso o prejudique no seu local de trabalho. Sua identidade NÃO será revelada.

Esta pesquisa está sendo realizada com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM. Caso você tenha dúvidas a respeito do estudo ou de seus direitos, ligue para a Prof^a Dr^a Ieda Harumi Higarashi, presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, no telefone (44) 3011.4444.

Caso aceite participar, será pedido para **assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias**, sendo que uma ficará com você.

Gisele Montagnoli da Fonseca

Acadêmica

Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano

Orientadora da Pesquisa

Telefone da pesquisadora para contato: (44). 30345170; (44). 91611804

Endereço do Comitê de Ética envolvendo Seres Humanos:

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Biblioteca BCE Campus Universitário Av. Colombo, 5790 CEP 87020-900

Fone: (44). 3011.4444

Cópia do participante

Eu _____ faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo, a Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano, da Universidade Estadual de Maringá e a acadêmica Gisele Montagnoli da Fonseca, a utilizarem, as informações e opiniões emitidas neste(s) questionário(s) com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que cumpra os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.012

Cópia das pesquisadoras

Eu _____ faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo, a Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano, da Universidade Estadual de Maringá e a acadêmica Gisele Alves Montagnoli da Fonseca, a utilizarem, as informações e opiniões emitidas neste(s) questionário(s) com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que cumpra os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.012

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PROFESSORES

**PESQUISA: AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E FAMILIARES SOBRE
A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM.**

PESQUISADORAS: Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano - Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação – UEM

ACADÊMICA: Gisele Montagnoli da Fonseca

Você está sendo **convidado a participar da pesquisa: “As concepções de pais e professores sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem”**, sob a orientação da Prof^a Dra Luciana Maria Caetano do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

A **pesquisa tem como objetivo** Investigar qual o conceito de afetividade para professores e pais.

A **coleta de dados** será feita através de uma entrevista, sem riscos para os sujeitos da pesquisa. Você deverá respondê-la da melhor forma possível. O tempo total gasto deverá ser de aproximadamente 10 minutos. Havendo necessidade de qualquer esclarecimento, tire as dúvidas que julgar necessárias para a perfeita compreensão do que se está perguntando. Não é preciso escrever seu nome, pois a sua participação é anônima. As respostas serão guardadas com todo o sigilo e a ética que deve conter uma pesquisa.

As informações fornecidas têm como propósito a coleta de dados e não trarão benefícios diretos a você, neste momento. Entretanto, sua participação pode contribuir para melhor compreensão das concepções dos pais e professores acerca da relação família e escola.

De acordo com a **Resolução 196/96** do CNS e baseando-se nos princípios basilares da Bioética (autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça), você tem o direito de não participar do estudo. Não é um estudo utilizando remédios e nenhum exame complementar será necessário. Sua participação é voluntária e você pode desistir de participar em qualquer momento da pesquisa, sem que isso o prejudique no seu local de trabalho. Sua identidade NÃO será revelada.

Esta pesquisa está sendo realizada com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM. Caso você tenha dúvidas a respeito do estudo ou de seus direitos, ligue para a Prof^a Dr^a Ieda Harumi Higarashi, presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, no telefone (44) 3011.4444.

Caso aceite participar, será pedido para **assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias**, sendo que uma ficará com você.

Gisele Montagnoli da Fonseca

Acadêmica

Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano

Orientadora da Pesquisa

Telefone da pesquisadora para contato: (44). 30345170; (44). 91611804

Endereço do Comitê de Ética envolvendo Seres Humanos:

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Biblioteca BCE Campus Universitário Av. Colombo, 5790 CEP 87020-900

Fone: (44). 3011.4444

Cópia do participante

Eu _____ faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo, a Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano, da Universidade Estadual de Maringá e a acadêmica Gisele Alves Montagnoli da Fonseca a utilizarem as informações e opiniões emitidas neste(s) questionário(s) com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que cumpra os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.012

Cópia das pesquisadoras

Eu _____ faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo, a Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano, da Universidade Estadual de Maringá e a acadêmica Gisele Alves Montagnoli da Fonseca, a utilizarem, as informações e opiniões emitidas neste(s) questionário(s) com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que cumpra os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.012
